


unesp  **UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA**
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
Faculdade de Ciências e Letras
Campus de Araraquara - SP

MARINA VIEIRA MARTINS

**O PROCESSO DE COMPREENSÃO DE TEXTO DE FICÇÃO CIENTÍFICA NA
DÉCADA DE 30: ADMIRÁVEL MUNDO NOVO À LUZ DA TEORIA SEMIÓTICA**



ARARAQUARA – SP
2013

MARINA VIEIRA MARTINS

**O PROCESSO DE COMPREENSÃO DE TEXTO
DE FICÇÃO CIENTÍFICA NA DÉCADA DE 30:
ADMIRÁVEL MUNDO NOVO À LUZ DA TEORIA
SEMIÓTICA**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC),
apresentado ao Departamento de Linguística da
Faculdade de Ciências e Letras –
Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção
do título de Bacharel em Letras. Exemplar
apresentado para exame de qualificação.

Linha de pesquisa: Semiótica do texto literário

Orientador: Arnaldo Cortina

Martins, Marina Vieira

O processo de compreensão de texto de ficção científica na década de 30: Admirável Mundo Novo à luz da teoria semiótica / Marina Vieira Martins – 2013

44 f. ; 30 cm

Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Letras) –
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Faculdade
de Ciências e Letras (Campus de Araraquara)

ORIENTADOR: ARNALDO CORTINA

1. Semiótica. 2. Admirável Mundo Novo. 3. Nível fundamental.
4. Nível narrativo. 5. Nível discursivo. I. Título.

MARINA VIEIRA MARTINS

O PROCESSO DE COMPREENSÃO DE TEXTO DE FICÇÃO CIENTÍFICA NA DÉCADA DE 30: ADMIRÁVEL MUNDO NOVO À LUZ DA TEORIA SEMIÓTICA

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado à Faculdade de Ciências e Letras, da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, para obtenção do Título de Bacharel em Letras.

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientador: _____
Dr. (a) Arnaldo Cortina, UNESP

1º Examinador: _____
Dr. Bruno Sampaio Garrido, UNESP.

2º Examinador: _____
Dr. (a) Fernanda Massi, UNESP

Local: Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Ciências e Letras
UNESP – Campus de Araraquara

Dedico àqueles que contribuíram à minha formação, nestes quatro anos: meus professores, familiares, amigos e a Deus.

AGRADECIMENTOS

A meu Deus, Buda, à Nitiren e a todos os sacerdotes do budismo.

Aos meus pais, Ricardo M. de C. M. e Rogéria M. M. V., sem vocês nada seria possível. Agradeço pela confiança, pelo carinho, por não deixarem de acreditar em mim em um só momento. Por me ensinarem sobre o valor da liberdade, permitindo que me tornasse responsável por minhas próprias escolhas e aprendesse a voar com asas minhas. Pelo respaldo e apoio nos momentos mais difíceis desta caminhada. Serei eternamente grata a vocês dois. Amo vocês imensamente.

A meu orientador, Arnaldo Cortina, o qual foi extremamente prestimoso e a mim dedicou toda a atenção necessária, com seu jeito perspicaz e zeloso, contribuiu definitivamente para a minha formação. Ofereceu-me todos os suportes necessários e foi aquele que simbolicamente abriu a porta para minha entrada em uma nova fase.

A meu namorado, André Gonzalez Brandão, sem você, sinceramente, talvez tivesse estagnada em caminhos anteriores. Nos momentos mais difíceis, você me fez buscar as forças das quais nem sequer sabia possuir. Sem dúvida, se há aqui uma conquista, ela também é sua. Agradeço a você meu amor, especialmente, pelo coração lindo que tens e por quem és.

Às pessoas que me são tão especiais, meu querido irmão Guilherme Vieira, com sua personalidade curiosa e espírito viajante, é o orgulho da família pela coragem que traz dentro de si! A meus queridos avós, símbolos da força e da vivacidade, Waldemar e Iracê, educadores, que sempre incentivaram seus netos para o conhecimento, sem vocês dois muito pouco seria possível. À minha irmã querida Taluana, presente de Deus para mim, torço fortemente por você a cada segundo.

Às minhas amigas, Emilaine Prado, que sorte a minha poder tê-la por perto de novo! Parece que há a mão de algum destino, por mais que façamos escolhas diferentes, no fim, estamos novamente juntas. Já não tenho dúvidas que esse laço é impossível romper. Obrigada Mi, obrigada, por estar tão pertinho nessa fase embaraçosa, por ter aparecido de novo, pelo seu coração enorme e toda sua alegria. Você me traz tantas coisas boas!

Maíra Vieira, minha irmã e minha mais que amiga, como amo saber que por laços de sangue estaremos sempre unidas. Quando estás longe, falta um pedaço de mim. Sinto falta das nossas conversas. Sinto tanto amor! Estarei para sempre aqui, torcendo por você e desejando-te as melhores coisas que você possa imaginar, e fazendo por você tudo que puder e mais um pouco. Conte em todos os momentos comigo!

Marina Lima e Mirela Vieira, minhas amigas eternas! As irmãs que Deus me concedeu, quais eu sei, sempre estarão por perto em quaisquer ocasiões. Marina Lima torço tanto por você, amo-te, e me preocupo contigo como uma mãe, estamos ligadas por laços eternos, mesmo que não sanguíneos, e sempre estarei aqui; obrigada por todos os conselhos. Mirela, você sempre será minha irmã, e nada abalará isso, nem a distância. Sinto falta das nossas conversas e do seu jeito, que tudo, absolutamente tudo, e cada vez mais, de melhor, aconteça em sua vida. Amo-te.

“Saber se para a alma é melhor suportar os golpes e as flechadas da fortuna adversa, ou pegar armas contra um mar de desgraças, e na luta destruí-las [...]”

Shakespeare *apoud* Huxley (1982, p. 288)

RESUMO

O presente trabalho é resultado de uma análise da obra *Admirável Mundo Novo* de Aldous Huxley feita com base na perspectiva da semiótica discursiva. Para tanto, foram aplicados os elementos do percurso gerativo de sentido, referidos especialmente nas obras de Barros (2001) e Fiorin (2000). Tendo em vista que cada um dos três níveis (o fundamental, o narrativo e o discursivo) da abordagem semiótica considerada são passíveis de descrições independentes, foi através da (re)construção de sentido de partes específicas da obra e, também da relação do seu percurso temático com a época em que foi composta, que corroborou-se, como resultado deste trabalho, as relações da ficção com a realidade e assim, a atualidade da obra de Aldous Huxley.

Palavras-chave: Semiótica. Admirável Mundo Novo. Nível fundamental. Nível narrativo. Nível discursivo.

ABSTRACT

This paper is result of an analysis of the Brave New World by Aldous Huxley, made based on the perspective of discursive semiotics. For both, the elements of the generative course of meaning were applied, particularly those in works of Barros (2001) and Fiorin (2000). In view of that each of the three levels (elementary, narrative and discourse) of semiotics approach are considered capable of independent descriptions, we sought through the (re) construction of meaning of specific parts of the work and also the relationship of its thematic route with the time it was composed, found that, as a result of this work, the relationships between fiction and reality and thus the relevance of the work of Aldous Huxley.

Keywords: Semiotics. Brave New World. Basis level. Narrative level. Discourse level.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. UM BREVE RESUMO DA OBRA <i>ADMIRÁVEL MUNDO NOVO</i>	12
3. CONSIDERAÇÕES SOBRE O CONTEXTO HISTÓRICO-SOCIAL DA PRODUÇÃO DA OBRA	15
4. CONSIDERAÇÕES SEMIÓTICAS GERAIS EM <i>ADMIRÁVEL MUNDO NOVO</i>	17
5. ANÁLISES SEMIÓTICAS	20
5.1. Primeira análise semiótica no espaço da fábrica	20
5.2. Segunda análise semiótica no espaço da fábrica	24
5.3. Terceira análise semiótica no espaço da fábrica	26
5.4. Quarta análise semiótica no espaço da fábrica	31
5.5. Análise semiótica no espaço da reserva	33
5.6. Análise semiótica: de volta ao espaço da fábrica	37
5.7. Análise semiótica no espaço da colina	39
6. CONCLUSÃO	42
REFERÊNCIAS	43

1. Introdução

O presente trabalho tem como objetivo analisar o romance ficcional *Admirável Mundo Novo* (1932) de Aldous Huxley a partir da teoria do significado formulada pelo linguista Algirdas Julien Greimas, a partir da publicação de suas obras “Semântica Estrutural” (1966) e da composição do “Dicionário de Semiótica” (1979), trabalho em que seus conceitos sobre a teoria do discurso tornaram-se ainda mais consistentes. Tais conceitos foram resgatados nas obras de Barros (2001) e Fiorin (2000), utilizados como base teórica para elaboração deste trabalho.

A análise sob a perspectiva semiótica francesa, escolhida como método, tem por finalidade apreender os níveis de invariância crescente do sentido até alcançar os diferentes elementos dos níveis gerativos de sentido, isto é, o fundamental, o narrativo e o discursivo que correspondem, respectivamente, a um *continuum* que parte do nível mais abstrato ao mais concreto das suas relações semânticas e sintáticas. A partir dos resultados obtidos no percurso da análise sucessiva desses patamares, buscaremos nos aprofundar nos percursos temáticos de *Admirável Mundo Novo* relacionando-os com o ensaio de Aldous Huxley escrito posteriormente, *Regresso ao Admirável Mundo Novo* (1958), no qual o autor repensa aquela obra de ficção, considerando estudos científicos mais aprofundados sobre a realidade da sua época.

A relevância deste trabalho pauta-se na hipótese de que a ficção em *Admirável Mundo Novo* estabelece ainda fortes relações com a realidade contemporânea, sendo ela uma obra profética e, ao mesmo tempo, prognóstica. A partir disso, a semiótica francesa será o método analítico que nos possibilitará depurar minuciosamente cada um dos níveis, todos eles passíveis de descrições autônomas que colaborarão com a reconstrução dos sentidos dessa ficção relacionando-a com fenômenos reais, especialmente, os da época do autor.

Para efeitos de análise, a obra *Admirável Mundo Novo* foi dividida em quatro partes neste trabalho. O critério atribuído à divisão corresponde à incidência de quatro categorias espaciais desenvolvidas no enredo: num primeiro momento o enunciador aponta a construção da narratividade numa fábrica localizada na cidade de Londres; num segundo momento, a narratividade constrói-se no espaço da Reserva, espécie de comunidade “atrasada” na qual foram preservados os valores de uma determinada sociedade; num terceiro momento, a narratividade desenvolve-se novamente no espaço da fábrica na cidade de Londres e, por fim, num quarto momento, o espaço da colina onde John quer isolar-se.

2. Um breve resumo da obra *Admirável Mundo Novo*

No mundo fictício da obra de Huxley, depois de uma grande guerra, o liberalismo sucumbe ao Estado Mundial sob os ditames da tirania. Primeiramente, é através das bombas e dos produtos químicos que a vida da espécie humana no planeta é ameaçada pelos que se instalam no poder, depois “[...] os Dirigentes compreenderam que a força não resolvia. Os métodos mais lentos, porém infinitamente mais seguros de ectogênese, do condicionamento Neopavloviano e da hipnopédia” (HUXLEY, 1982, p. 85) parecem, por sua vez, mais eficazes e, por meio deles, antigos valores são aniquilados e suprimidos na sociedade em nome de uma ordem e de uma estabilidade social.

O Estado Mundial é, então, um mundo organizado e comandado por dez dirigentes adeptos de um sistema preponderantemente científico que estrutura toda sociedade em castas formadas planejadamente por seres humanos gestados em laboratórios e condicionados pelo método da hipnose. A liberação sexual e as “rações diárias” de *soma*, uma droga “eufórica, narcótica, agradavelmente alucinante” (HUXLEY, 1982, p.42), preservam os seres humanos das emoções e garantem que suas vidas resumam-se a trabalhar, “copular” e consumir, pois não há tempo para refletir em “um lugar onde devem reinar os homens sãos, obedientes e satisfeitos” (HUXLEY, 1982, p.63)

Num primeiro momento do livro, o Diretor (D.I.C) responsável pelo Departamento de Incubação e Condicionamento apresenta aos alunos Alfa-Mais, da classe que tem acesso ao saber e ao conhecimento, o funcionamento da fábrica que atua na reprodução artificial de seres humanos pela germinação *in vitro* e pela clonagem. Como descreve, o espaço da fábrica comporta profissionais condicionados a trabalhar de forma precisa e prudente, cientes de que um erro mínimo pode incorrer numa fatalidade desvantajosa ao sistema e a eles próprios, notados apenas nessas circunstâncias por suas individualidades.

Os departamentos responsáveis por produzir as hierarquias de poder, ou seja, a divisão da população em castas, correspondem à Sala de Fecundação, onde os óvulos são preservados em incubadoras nas quais os embriões são cultivados conforme a casta que lhes é designada; à Sala de Decantação, em que os ovos são submetidos a uma determinada quantidade de oxigênio que os fará pertencer as classes dominantes ou não e, finalmente, à Sala de Condicionamento Neopavloviano e a de Controle Hipnopédico, responsáveis pelo condicionamento psicológico dos recém-nascidos.

Com exceção das últimas salas em que todos os recém-nascidos são submetidos à hipnopédia, isto é, às repetições contínuas de frases para que absorvam os pensamentos que convêm, todas as demais salas dão tratamentos diferentes aos óvulos que pertencerão a uma ou outra casta, determinando-os, assim, como Gêmeos Idênticos homogeneizados por suas estaturas, vestimentas e pela pouca inteligência que os condicionarão a executar prazerosamente trabalhos manuais e mais árduos ou, então, como Alfas e Betas que desempenharão tarefas importantes tais como direção ou técnica.

Embora nesta sociedade todos estejam condicionados a ter uma ou outra existência, três personagens destacam-se na trama por não aderirem à ideologia dominante: Bernard, Helmholtz Watson e John. Bernard é um personagem solitário, melancólico, tímido e que não aprecia o Golfe de Obstáculo, atividade protocolar de sua casta. É ridicularizado por não portar a altura padrão de um Alfa-Mais, julgado por praticar “coisas em particular” (HUXLEY, 1982, p. 36), leva os “olhos baixos a maior parte do tempo” (HUXLEY, 1982, p. 42) como se fosse um estrangeiro em seu meio e refuta os valores que o circundam como, por exemplo, quando Lenina, objeto sexual ambicionado por muitos homens, lhe declara publicamente seus sentimentos e desejos e ele despreza-os não a julgando digna de ser desejada e respeitada.

A certa altura da narrativa, Mustafá Mond, um dos dez dirigentes do Mundo Novo, autoriza a viagem de Lenina e Bernard a uma das poucas reservas em que os antigos hábitos foram conservados. Na reserva, Lenina e Bernard conhecem os “monstros pré-históricos” John, o Selvagem, pelo qual Lenina se apaixona violentamente, e Linda, mãe de John, uma mulher gorda e velha que horroriza os novos “civilizados” por seus aspectos físicos.

Quando Bernard descobre que Linda vivera no Mundo Novo e fora deixada na reserva pelo D.I.C., suspeita que o Diretor seja pai de John e, premeditadamente os convida para viajar ao Mundo Novo tencionando usá-los para ameaçar o Diretor que, por sua vez, ameaçava excomungá-lo da civilização.

Com a chegada de Selvagem e de Linda, o Diretor é desmascarado publicamente e, humilhado, pede a exoneração de seu cargo. Bernard ganha fama e poder por ser o guardião de Selvagem - a essa altura o centro das atenções da sociedade - e passa a desfrutar dos valores vigentes antes renegados. Linda, extasiada com a volta a uma civilização que nunca esquecera e para qual sempre ansiou regressar, passa a consumir doses elevadíssimas de soma e, por esse motivo, acaba morrendo.

Com a morte da mãe, o Selvagem revolta-se com os regulamentos do “Admirável Mundo Novo” e tenta coibir seus habitantes de serem abastecidos pelos comprimidos de

soma, criando um grande conflito com os que considera “agredidos” pela droga e com os policiais. Por conta da briga e de outros atos desmedidos, dos quais participam também Bernard e Helmholtz, os três indivíduos são degradados. John escolhe como seu retiro “o velho farol que se erguia sobre a crista da colina entre Puttenham e Elstead” (HUXLEY, 1982, p. 289), onde passa a viver isoladamente, cultivando seus antigos rituais culturais, mas, atormentado pela mídia que quer o tempo todo perscrutar sua “estranha” forma de vida, suicida-se.

3. Considerações sobre o contexto histórico-social de produção da obra

Para Barros (2001, p.7) “o texto encontra seu lugar entre os objetos culturais, inserido numa sociedade (de classes) e determinado por formações ideológicas específicas”, ou seja, o texto deve ser entendido como objeto de comunicação e não apenas como objeto de significação.

Baseado nesse conceito, tomar conhecimento dos fatos que integravam a sociedade na qual vivia Aldous Huxley em 1932, época em que escreveu *Admirável Mundo Novo*, parece fundamental, sobretudo ao considerarmos que o autor reúne na própria obra episódios histórico-sociais do seu tempo adequando-os, ironicamente, aos paradigmas da sociedade “perfeita” discutida em seu livro.

Em 1932, durante o “Entre Guerras”, o mundo ainda sofria as conseqüências da I Guerra Mundial, passava por um período em que os discursos derivados dos governos totalitaristas fortaleciam-se e os avanços da ciência em decorrência das grandes batalhas modificavam gradualmente a sociedade. Segundo Gonçalves (2008), no início do século XX, com a instabilidade social e econômica, a ciência, a racionalização e a industrialização passaram a serem alternativas tangíveis para a reorganização política e social.

Neste contexto, Huxley vive um acontecimento que modifica para sempre as relações de trabalho e que tem grandes repercussões nos campos econômicos e políticos: o fordismo, isto é, a criação do Modelo T, por Henry Ford, em 1908 nos Estados Unidos, que possibilitou o desenvolvimento do sistema das linhas de produção e, por conseguinte, a capacitação das empresas de produção de materiais em larga escala.

Em sua obra ficcional, Huxley deixa ecoar claramente o impacto dos desenvolvimentos científicos e tecnológicos na sociedade, explorando os avanços e descobertas das áreas da genética, biologia, fisiologia e psicologia e, sobretudo, o impacto que tudo isso tinha na sociedade da época.

A data “632 d.F.” (depois de Ford), por exemplo, é o marco cronológico para todos os acontecimentos do romance. Como se vê, Ford é elevado à entidade mística e associado a uma divindade que, assim como Cristo, estaria relacionada diretamente aos fatos históricos: é figura venerada por toda a população.

É ainda dos nomes das figuras dramáticas criadas por Huxley nesta obra que vemos a inserção das referências históricas em sua composição. “Bernard Marx”, por exemplo, carrega o sobrenome de Karl Heinrich Marx, intelectual revolucionário que combateu o capitalismo

através da elaboração opositiva da doutrina comunista na altura; o personagem “Mostafá Mond”, traz no próprio nome a predestinação de ser “o escolhido”, e com isso torna latente a referência à cultura árabe e à religião muçulmana; e o epíteto “Selvagem” dado a John remete aos sujeitos que vivem afastados do que se considera “civilização”, depreciados em determinados momentos históricos, símbolos do anacronismo.

Além das referências históricas, há também na obra diálogos com outros autores como, por exemplo, as que ocorrem nas falas de John, em que é possível notarmos uma intertextualidade direta da obra com as mais variadas produções de Shakespeare, havendo até mesmo trechos reproduzidos integralmente, e, em outros momentos, incorporações mais indiretas e referências ocultas no prolongamento das falas do personagem.

Em *Retorno ao Admirável Mundo Novo*, ensaio produzido em 1958, Huxley revisita sua obra de 1932 comparando sua profética ficção com a contemporaneidade da década de 1950. Nesse trabalho, o autor afirma que os princípios postulados em sua ficção, dos quais falaremos mais longamente no decorrer deste trabalho, se aproximam de nós muito mais rápido do que ele próprio previra.

4. Considerações semióticas gerais em Admirável Mundo Novo

Como menciona Fiorin (2011), o tempo cronológico é diferente do tempo linguístico, pois enquanto o primeiro é identificado por meio de um marco histórico, o segundo é estabelecido em função do momento da enunciação (um tempo do agora) e, portanto, é a categoria linguística pela qual se localizam os acontecimentos em função do momento da enunciação.

Na obra de Huxley, é possível identificar a presença de ambos os conceitos, isto é, o tempo cronológico, marcado pelo uso da expressão “632 d.F.” (depois de Ford) que se remete, de forma irônica, à demarcação cronológica, religiosa e ocidental, d.C. (depois de Cristo), e denota o uso do fordismo como marco para uma sucessão de acontecimentos; e o tempo linguístico, marcado por referências cujo marco temporal é o presente, embora a narrativa seja projetada, em relação ao leitor, em um tempo futuro.

Sabendo que a semântica do nível fundamental compreende a categoria semântica que está “na base da construção de um texto (...) e fundamenta-se numa oposição e numa diferença” (FIORIN, 2000, p. 18), há uma contrariedade básica que perpassa toda a narrativa da obra de Huxley: *a opressão versus liberdade*:

liberdade → não-liberdade → opressão

A partir das definições dicotômicas de Zilberberg sobre “tensão” e “relaxamento”, “intensão” e “distensão” na semântica fundamental, Arnaldo Cortina e Renata Coelho Marchezan afirmam:

[...] a euforia pode ser definida como um processo que vai do tenso ao distenso e termina no relaxado, constituindo-se, dessa forma, numa tensão decrescente e num relaxamento crescente. Já a disforia segue o caminho inverso, pois vai do relaxamento à intensão, terminando na tensão, o que a define como um processo de aumento de tensão e diminuição de relaxamento [...]. (MUSSALIM, [et al.], 2011, p. 404).

Em *Admirável Mundo Novo*, as categorias semânticas geradoras do enredo são axiologizadas, isto é, se focamos no ponto de vista dos Dirigentes, a *liberdade* é uma categoria tensiva e disfórica, uma vez que é sinônima de bagunça, confusão e desordem. Nessa perspectiva, a narrativa torna-se orientada pela passagem do estado de *liberdade* ao de *não-liberdade* e, com isso, ao estado de afirmação de uma *opressão*, pois, a dominação é eufórica e relaxada quando entendida como ordem e regra.

O texto começa com uma *afirmação da liberdade* porque apresenta um sistema democrático de funcionamento de uma sociedade antes do início de uma guerra. No entanto, a estabilidade e a felicidade são presumíveis pelos Dirigentes apenas através da *negação da liberdade*, uma vez que com o início da guerra e a nova configuração social instalada depois dela, um sistema totalitarista ascende. No percurso da narrativa essa afirmação é, contudo, colocada em xeque por alguns dos personagens que buscam questionar ou romper a tirania vigente, evidenciando um posicionamento mais autônomo e consciente que denota a existência de uma *negação da opressão*.

Não obstante, em um último momento da narrativa há a *afirmação da opressão*, o ponto de vista da sociedade com relação ao dos sujeitos particulares prevalece, isto é, quando os habitantes “transgressores” Bernard, Helmholtz e John são exilados do Mundo Novo sem conseguirem romper ou modificar a estrutura e lógica do sistema, se *afirma a opressão*. Os actantes-sujeitos só podem obter a *liberdade* evadindo a outro espaço, ainda assim, isso não é suficiente para John que se isola em outro país e continua sendo atormentado por repórteres e civilizados do Mundo Novo até que, esgotado, suicida-se.

Admirável Mundo Novo apresenta, portanto, um texto euforizante na perspectiva dos actantes coletivos, pois a narrativa caminha para a tensão decrescente e termina com o relaxamento crescente ocasionado pelo restabelecimento da ordem social, todavia é disforizante se partirmos do ponto de vista dos três sujeitos individuais, já que sob esse aspecto a narrativa caminha de um relaxamento à intensão e termina na tensão quando, então, os três personagens são expulsos da civilização.

Para Barros (2001, p. 33),

[...] os termos da categoria semântica assim investidos são ditos valores axiológicos, e não apenas valores descritivos, e surgem, em relação à semântica narrativa, como valores virtuais, ou seja, não relacionados ainda a um sujeito. A atualização só ocorre na instância superior da semântica narrativa, quando tais valores são assumidos por um sujeito.

A partir dessas considerações, podemos particularizar a relação dos sujeitos centrais nessa categoria fundamental. Por exemplo, para Linda e para os Dirigentes do Mundo a *liberdade* é disfórica e a *opressão* eufórica, afinal, no nível narrativo, Linda recusou a *liberdade* do Velho Mundo mesmo após conhecê-lo e, da mesma forma que para ela há a possibilidade de fazer uma escolha consciente, pode-se dizer que há também para os Dirigentes, já que eles não foram condicionados como todos que vivem no Mundo Novo e, por conhecerem os poderes da *opressão*, optam por ele.

Em contrapartida, para Bernard, Helmholtz Watson e John a *liberdade* é eufórica e a *opressão* disfórica, com a ressalva de que, para o personagem Bernard, há uma *negação* da *opressão* apenas em um primeiro momento da narrativa dado que, quando o mesmo passa a entrar em conjunção com o objeto-valor (status social) ou (fama), a *opressão* passa a ter conotação eufórica e a *liberdade* disfórica.

Em relação ao nível discursivo em *Admirável Mundo*, ou seja, aos procedimentos de discursivização que são, actorialização, espacialização e temporalização, há a debreagem enunciativa nos três casos. Está inscrita no texto uma debreagem enunciativa actancial, pois, o “eu” está ausente e a referência é o “ele”. Há também a debreagem enunciativa espacial e temporal porque a história está inscrita em um espaço do “lá” num tempo do “então”. Em relação a esta última categoria, alguns acontecimentos são concomitantes ao momento da enunciação (presente do indicativo), outros se localizam na anterioridade, ou seja, num tempo anterior ao momento da fala do narrador, exprimindo a ideia de um passado não concluído (pretérito imperfeito), e em alguns casos, embora raros, há o pretérito-mais-que-perfeito exprimindo ações concluídas há muito tempo no passado.

O enunciador opera ainda debreagens de segundo grau porque relega a palavra a pessoas da enunciação já instaladas no enunciado, criando-se a ilusão de um discurso real.

5. Análises Semióticas

5.1. Primeira análise semiótica no espaço da fábrica

A narrativa inicia-se no espaço da fábrica, é aqui onde se desenvolve a maior parte do enredo e, por isso, o lugar que examinaremos com mais minúcia. A fábrica é o centro de comando político, econômico e social em que estão concentrados todos os elementos essenciais que ditam o bom funcionamento da sociedade do Mundo Novo, da preservação e da manutenção das hierarquias de poder, das formas de existência e das reproduções das ideologias e suas conseqüentes (de)formações “humanas”.

Nesse espaço, a história se inicia na fase da sanção, pois, como se nota, está já instalado na sociedade apresentada um sistema sociopolítico totalitarista que permeia toda trama da obra. As fases da manipulação, da competência e da *performance* estão implícitas, afinal, os motivos históricos do surgimento desse sistema apresentado somente são revelados posteriormente na narrativa: ele é conseqüência de um Grande Colapso Econômico que deflagra uma Guerra de Nove Anos que proporciona, inicialmente, uma destruição em massa e, depois, por meio de métodos como a ectogênese, hipnopédia, propagandas, etc., a sociedade vê-se condicionada a aceitar um governo administrado pela Direção Mundial.

É certo dizer que, portanto, há nesse período a existência das quatro fases narrativas ainda que implícitas em um primeiro momento: a fase da manipulação por intimidação, fruto do terror causado pela guerra e posteriormente por métodos de violências sutis; a fase da competência, já que os sujeitos Dirigentes do Mundo são dotados do objeto-modal “poder fazer” - porque possuem o poder de repreender e causar medos por meio do objeto-concreto armas letais - e do objeto modal “saber”, porque dominam o objeto-valor conhecimento científico; a *performance* que, possibilitada pela doação desses valores modais ao sujeito de estado na fase da competência, ocorre quando os Dirigentes do Mundo entram em conjunção com o objeto-valor poder e no cargo administrativo executam, assim, a transformação do estado liberal em estado totalitário:

[S1 Dirigentes Mundiais → S2 Dirigentes Mundiais (conjunção) Ov (poder)]

Concluindo, é possível reconhecer a fase da sanção ao se constatar que já são operantes os princípios totalitaristas na sociedade fictícia desde o início da história - verifica-

se, assim, que uma ação (*performance*) já havia sido realizada pelo sujeito “Dirigentes Mundiais”.

Na parte em exame ainda é possível verificar a configuração discursiva em seus percursos figurativos e temáticos. Tendo-se em vista que os textos abarcam tanto figuras como temas, embora geralmente haja a preponderância de uma classificação sobre a outra, Diana (2001, p. 58) explica:

[...] os discursos figurativos criam um efeito de realidade, pois constroem um simulacro da realidade, representando, dessa forma, o mundo; os temas procuram explicar a realidade, classificam e ordenam a realidade significante, estabelecendo relações e dependências. Os discursos figurativos têm uma função descritiva ou representativa, enquanto os temáticos tem uma função predicativa ou interpretativa.

Tendo em vista tais concepções de tema e figura, podemos dizer que, em *Admirável Mundo Novo*, o autor, depois de recobrir os elementos narrativos com temas, reveste-os com figuras. Na parte da história analisada neste momento há, por exemplo, a descrição do tema guerra através de figuras concretizadas em expressões como “um enorme buraco no chão”, “pedaços de carne” “destruição” etc. a partir de tais imagens incitadas, subjaz a este percurso figurativo, por sua vez, o percurso temático da construção de uma sociedade essencialmente tecnológica e industrializada, construído também a partir do percurso figurativo criado dos aparelhos tecnológicos “técnica russa para contaminar os suprimentos d’água”, “efeitos do gás de sulfeto de dicloretila”, “métodos mais lentos, porém infinitamente mais seguros de ectogênese”, “condicionamento Neopavloviano e a hipnopédia” e “propaganda intensiva contra a reprodução vivípara”, recursos tecnológicos utilizados para assegurar a vitória na guerra.

Ainda superpõe-se a essas últimas figuras o percurso figurativo do totalitarismo - o qual veicula os novos valores impostos, “contra a reprodução vivípara” “campanha contra o Passado” “droga perfeita” “vencer a velhice”, etc.

Para nos aprofundarmos mais na análise dos percursos temáticos e figurativos da guerra, da tecnologia e do totalitarismo, serão consideradas algumas afirmações feitas por Huxley em *Regresso ao Admirável Mundo Novo* (1958).

Subjacente à figura do totalitarismo está o tema do castigo. Considerando que os personagens da ficção passam a ser castigados, após o período da guerra, mais “moderadamente”, Huxley em seu ensaio afirma que a punição violenta e o terror têm consequências mais negativas que o castigo mediado por recompensas, já que a violência desvelada gera doenças psicossomáticas que não alteram a natureza em si do ato transgressor

nem de seu prazer em praticá-lo (ao contrário, o método da violência acabaria por gerar tantas desvantagens quanto o do ato originário), Huxley (2000, p. 8) afirma:

No mundo fictício da minha própria imaginação, o castigo não é freqüente e é, de um modo geral, brando. O controle quase perfeito exercido pelo governo é executado pelo reforço metódico de comportamento desejável, por inúmeras variações de manipulação quase não-violenta, tanto física como psicológica, e pela standardização genética.

Outro tema que pode ser aqui apreendido em relação ao percurso figurativo do totalitarismo e também da guerra é o tema da Superpopulação. Conforme Huxley (2000, p.10), em um breve futuro, a humanidade viveria essa “Idade da Superpopulação”:

O controle da mortalidade é algo que pode ser oferecido a todo um povo por técnicos que trabalham a soldo de um governo benévolo. O controle da natalidade exige a cooperação de todo um povo. Pode ser praticado por grande número de indivíduos, dos quais exige mais inteligência e força de vontade do que possuem a maioria dos analfabetos que pululam pelo mundo, e (onde são usados métodos químicos ou mecânicos anticoncepcionais) um dispêndio maior de capital do que podem suportar muitos destes milhares de seres. Outrossim, não existem mais em parte alguma, quaisquer tradições religiosas que pugnem a favor da morte ilimitada, ao passo que as tradições religiosas e sociais a favor da reprodução ilimitada estão largamente espalhadas [...].

O autor acredita que a superpopulação ameaça a liberdade individual e o sistema democrático já que se torna latente a instalação de um sistema totalitário e a possibilidade de guerra. Huxley afirma que políticas mais precisas para um maior controle populacional deveriam ser desenvolvidas já que esse virá a ser (se já não é) um dos maiores problemas humanos “É contra este sinistro pano de fundo biológico que se desenvolvem todos os dramas políticos, econômicos, culturais e psicológicos de nossa época” (HUXLEY, 2000, p.11).

É por esse motivo que a guerra é instalada na ficção, a superpopulação acarreta um grande colapso econômico e, em seguida, os massacres. Mas na sociedade fictícia de Huxley o problema da superpopulação gerado pelo descontrole da natalidade e da mortalidade é resolvido, pois há um controle centralizado da reprodução que se dá pela esterilização em massa. Por esse motivo as crianças só podem ser geradas em laboratórios, sendo assim interrompida qualquer possibilidade de superpopulação, uma vez que a população total é mantida num mesmo nível (inferior a dois bilhões). Assim, já na idade mais tenra, as crianças são induzidas pelo método do sono-ensino em que passam a conceber a morte como evento banal. Não há a necessidade de compreendê-la, pois não representa um problema, já que, ao contrário, é facilmente aceita e tem valor eufórico.

Huxley com isso adverte-nos que o alto número populacional comprometeria as relações humanas com os recursos naturais e implicaria uma instabilidade social e mal estar individual, se não resolvido o problema da superpopulação (e da superorganização, tema de que falaremos melhor posteriormente), torna-se provável o colapso da democracia, culminando em guerras e ditaduras. À figura do totalitarismo subjaz outro tema, o das oligarquias:

[...] o agravamento das condições econômicas gera intranqüilidade política, ou rebelião aberta, o governo central deve interferir a fim de salvaguardar a ordem pública e a sua própria autoridade. Assim, na direção do executivo e dos burocratas que o administram concentra-se cada vez mais poder. (HUXLEY, 2000, p. 15)

Assim, a superpopulação produz instabilidade econômica e social custando a prevenção das autoridades as quais centralizam o poder, deste modo, sem uma tradição constitucional, aproximar-nos-íamos cada vez mais das formas autoritárias de governos.

Com o advento da sociedade industrial e o desenvolvimento tecnológico, Huxley acredita que, além da superpopulação, outro caminho pode nos levar à tirania:

[...] a pressão crescente do número de seres humanos sobre os recursos disponíveis não é a única força que nos impele em direção ao totalitarismo. Este cego inimigo biológico da liberdade é aliado a forças muitíssimo poderosas, geradas precisamente pelos progressos efetuados no campo da tecnologia, de que mais nos orgulhamos. (HUXLEY, 2000, p. 15)

Huxley diz que esse avanço tecnológico contribui para a centralização do poder, pois seus mecanismos massificadores tornam-se cada vez mais complexos e, desse modo, o homem com poucos recursos não tem acesso a esse dispendioso empreendimento.

Na ficção é por meio do avanço tecnológico que são produzidos homens animalizados e sub-humanos. Manobrados por dez Dirigentes do Mundo, a população é condicionada e incitada a representar determinados padrões comportamentais focada no divertimento gratuito, nas relações sexuais e sob os efeitos do *soma*, passando a não representar qualquer perigo para seus superiores.

Há ainda o tema da superorganização, ao qual Huxley faz uma crítica: a ciência tendia a generalizar fenômenos particulares com o seu afã por organizar tudo e, assim, reduzia a “multiplicidade à unidade” (HUXLEY, 2000, p. 10), esse raciocínio, se igualmente aplicado à política e à sociedade, se tornaria perigoso, pois, tornar os humanos iguais a partir de uma unificação, seria já suscitar a tirania.

5.2. Segunda análise semiótica no espaço da fábrica

As definições dos papéis actanciais de cada grupo de indivíduos e seus valores modais só podem ocorrer devido à existência de um sujeito dominador e manipulador que determina as funções dos trabalhadores por meio de técnicas de manipulação avançadas como as tecnologias de sono-ensino, a hipnopédia e outras desenvolvidas pela ciência. O primeiro percurso narrativo é o da personagem Diretor, que pode ser visto como destinador-manipulador já que é figurativizado como porta-voz do sistema totalitário que é, portanto, o sujeito dominador e manipulador. Dentro desse funcionamento, o Diretor é a fonte reprodutora dos valores modais “querer”, “saber”, “poder” e “fazer”:

[S1 Diretor → S2 trabalhadores (conjunção) Valores modais]

Quando o Diretor expõe aos alunos o *modus operandi* da fábrica, mostra-se como o destinador-manipulador que modifica os sujeitos e os “faz-ser” e os “faz-fazer” doando-lhes seus saberes, ao mesmo tempo, convence-os de suas verdades. Quando D.I.C descreve-lhes o funcionamento do Centro de Incubação e Condicionamento de Londres mostra que detém o argumento de autoridade conferido por seu valor modal “poder” e “saber” advindos de seu *status quo*.

Os estudantes, por sua vez, querem entrar em conjunção com o objeto-valor “saber” e, para isso, possuem uma competência. É certo, contudo, que, antes da vontade de “saber”, existe claramente uma manipulação a que todos foram submetidos. Essa manipulação foi aplicada diretamente no objeto “embriões”, por isso é origem de uma manipulação por intimidação. Assim, os alunos querem entrar em conjunção com o objeto-valor “saber” porque não tiveram a opção de recusar a manipulação a que foram condicionados.

Há também na obra a modalização atualizante “poder-saber”, ilustrada pelo grupo Alfa que é o único qualificado para a cognição desse conhecimento desde o período em que foram fecundados nos laboratórios. Também os membros desse grupo ilustram a modalização “dever-saber”, já que dependem desses conhecimentos para atuarem na sociedade e para obterem uma sanção, que é a recompensa ou o castigo dado pelo destinador-julgador pelo desempenho que tiverem num trabalho futuro.

Na sanção referida a esse grupo, um objeto-valor está implícito: a felicidade. Como o enredo dá conta de explicar, apenas serão felizes aqueles que desempenharem seu papel social com excelência de acordo com os contratos sociais de um “saber-fazer”. A *performance*

ocorre, então, a partir da transformação de um estado de “não saber” para um estado de “saber”:

S1 Diretor \rightarrow [S2 alunos (disjunção) Ov (saber) \rightarrow S2 alunos (conjunção) Ov (saber)]

5.3. Terceira análise semiótica no espaço da fábrica

Visualizando outro percurso narrativo no texto, depreende-se ainda, nessa primeira parte analisada, outra narrativa mínima. À medida que D.I.C expõe aos alunos o funcionamento de cada compartimento da fábrica, é aceito que os estudantes visualizem, ao mesmo tempo, a *performance* dos trabalhadores. Dessa forma, fica implícito que os empregados já vivenciaram o programa da manipulação por intimidação e, por conseguinte, alcançaram, ainda que de modo imperativo, o programa da competência para exercer com excelência suas funções.

A fase da sanção está igualmente implícita a partir dos valores modais necessários para a *performance* dos funcionários, que visa a obter uma recompensa final que não é claramente adquirida por meio de outrem, mas aparenta ser reflexiva já que é por meio da própria realização do trabalho que se obtém o objeto-valor felicidade.

Vale frisar que os sujeitos funcionários foram alterados em sua existência modal por um sistema que pré-estabelece suas paixões e os valores modais, ou seja, foram determinados por um “querer”, um “saber” um “dever” e um “poder” que modificaram as suas relações com seus objetos modificando-se, também, a relação dos homens com a fábrica e com a sociedade.

Como é sabido, é o sistema que atribui aos empregados as modalidades virtualizantes e as atualizantes que os qualificam para as ações que cumprem na sociedade antes mesmo que possam decidir sobre acatá-las ou não, cedendo sem escolhas às manipulações que lhes são impostas. Há, por esse motivo, um tipo de sociedade que podemos identificar como “perfeita”, no sentido de que os valores impostos pelos Dirigentes são acatados e venerados pela grande maioria das pessoas que a compõem e, para o caso de haver questionamentos e rebeliões, o Estado dispõe de mecanismos para supressão do rompimento da ordem. São, assim, controlados pelo Estado de modo ardiloso, a manipulação é empregada de modo tão eficaz que é praticamente impossível conscientizar-se dela.

S1 sistema → [S2 empregados (conjunção) Ov (trabalho)]

Uma maneira eficaz para ilustrarmos de qual maneira as coerções “sociais” manipulam os civilizados desde muito cedo determinando seus atos e retirando-lhes completamente a liberdade, dá-se ao recorrermos ao nível discursivo da obra. Tomemos como exemplo a seguinte passagem:

Ao entrar o D.I.C., as enfermeiras perfilaram-se em posição de sentido.

— Mostrem os livros — disse secamente.

As enfermeiras obedeceram a ordem em silêncio. Colocaram os livros devidamente entre os vasos de rosas – uma fileira de álbuns infantis abertos de maneira tentadora em figuras coloridas de animais, peixes ou aves.

— Agora tragam as crianças.

[...] Já virados, os bebês primeiro ficaram quietos, depois começaram a engatinhar em direção às massas de cores brilhantes, às formas tão alegres e brilhantes impressas nas páginas brancas [...] O diretor esperou até que todos estivessem alegremente entretidos [...] Houve uma violenta explosão. Aguda, cada vez com maior intensidade, soou uma sirena. Campainhas de alarme tocaram furiosamente. As crianças alarmaram-se, gritaram; seus rostos contorceram-se de terror [...] — Segue-se os choques elétricos. (HUXLEY, 1982, p.130)

A localização espacial é um sistema de referência através do qual se torna possível situar espacialmente diferentes programas narrativos do discurso. No exemplo, esses programas narrativos são configurados na Sala de Predestinação Social e é possível notar também a instalação de um espaço alhures (espaço enuncivo), no qual estão indicados os fundamentos do espaço “objetivo” do enunciado e, ainda, uma debreagem temporal enunciva, já que este espaço enuncivo situa-se temporalmente no “tempo de então” (pretérito imperfeito), não-concomitante ao tempo da enunciação.

Com relação a debreagem actancial, há nesse momento uma alternância entre debreagem enunciva e enunciativa, isto é, há um “eu” ausente e em seguida um “eu” presente que passa a funcionar como uma debreagem interna na qual se produz uma sequência dialogada: dá-se a voz ao enunciador “Diretor” em discurso direto e, como efeito, cria-se um simulacro de diálogo real.

Neste espaço e neste tempo configuram-se os traços temáticos e figurativos que serão reiterados em várias partes da obra. Há nesse trecho, portanto, isotopias e, também, a constatação de que o percurso temático costura-se ao texto figurativo para revelar o tema do condicionamento dos bebês com o subsídio tecnológico que tem o poder de suggestionar. Esses temas mencionados concretizam-se pela figurativização e pelos traços semânticos “sensoriais” ou “concretos” das figuras visuais como vemos em: “os vasos de rosas”, “figuras coloridas de animais”, “cores brilhantes”, “formas tão alegres e brilhantes” – figuras que se reportam ao espaço lúdico para atrair as crianças e, depois, para condicioná-las, como fica claro pelo uso das figuras auditivas: “violenta explosão”, “soou uma sirena”, “campainhas de alarme” e pela figura tátil: “choques elétricos”.

Para aprofundar-nos em outras considerações acerca do tema da tecnologia e do poder de suas sugestões expressos na ficção, e para compará-la com a realidade atual, recorreremos

novamente à obra de Aldous Huxley a qual retorna ao *Admirável Mundo Novo*, poderemos assim analisar novos temas existentes na obra, os quais se encontram demonstradas em figuras em outros momentos no nível discursivo da obra, que, no entanto, com as limitações deste trabalho não poderemos demonstrá-las todas.

Em *Admirável Mundo Novo* Huxley expõe alguns problemas da sociedade que já eram considerados preocupantes em sua época. As temáticas das relações construídas a partir das tecnologias e dos meios de comunicação em massas, das modificações das relações de trabalho e das formas de sentir prazer, nos parecem ainda atuais. Em *Retorno ao Admirável Mundo Novo*, Huxley (2000, p.15) afirma que “o tema do Admirável Mundo não é o progresso da ciência como tal; é o progresso da ciência na medida em que atinge os indivíduos humanos”. Na mesma obra, menciona que a imprensa, o rádio, o cinema, entre outros, não são meios de comunicação de massa necessariamente nocivos, já que são essenciais em um sistema democrático, contudo, o progresso técnico por vezes acaba por favorecer as elites do poder, como no caso do Ocidente, em que há a censura econômica e o controle dos meios de comunicação por parte desses pequenos grupos dominantes. Huxley ressalta também que os meios de comunicação em massa podem ser ainda armas poderosas na mão de ditadores:

Hoje, a arte de controlar os espíritos está em vias de tornar-se uma ciência. Os praticantes desta ciência sabem o que estão fazendo e por quê. São guiados na sua obra por meio e hipóteses firmemente estabelecidas sobre uma grande massa de fatos experimentalmente constatados. Graças a novos pontos de vista, e a novas técnicas tornadas possíveis por esses novos pontos de vista, o pesadelo que foi “quase concretizado no ‘sistema totalitário de Hitler’” não tardará talvez a ser totalmente realizável” [...] Além do rádio, do alto-falante, do cinema e das grandes rotativas, o publicista contemporâneo pode empregar a televisão para transmitir a imagem, assim como a voz, do seu cliente, e pode registrar tanto a voz como a imagem nos carretéis das fitas magnéticas. (HUXLEY, 2000, p. 40)

Na ficção, a tecnologia é a responsável por assegurar a permanência da estrutura vigente. Através dela, os Dirigentes garantem a circulação das ideologias de classes e a estabilidade social, exercendo tal força coerciva que se torna impossível alterarem os moldes vigentes na sociedade. Em *Admirável Mundo Novo*, a tecnologia avançou para além do ponto a que chegara Hitler na realidade histórica, já que os personagens são dotados de uma completa acriticidade e se portam de modo completamente previsível.

A técnica de sono-ensino, por exemplo, em que “toda criança de uma classe inferior era exposta a sugestões vagamente repetidas, noite após noite, durante as horas de modorra e de sono” (HUXLEY, 1982, p.62), faz com que os indivíduos assimilem todas as sugestões

dadas pelo Estado, como a importância do trabalho que, completamente internalizado pelos sujeitos, é associado inquestionavelmente à garantia de prazer e felicidade. Para o autor, o que os atores da ficção teriam em comum com a sociedade do futuro que previa seria “a função de não pensar, mas simplesmente trabalhar e morrer com um mínimo de complicações.”

Em *Retorno ao Admirável Mundo Novo* (2000), Huxley faz algumas considerações acerca do efeito da propaganda e das tecnologias na sociedade a partir do poder que têm de suggestionar aos que são psicologicamente frágeis, sobretudo, as crianças, (des)educando-as para um consumo desenfreado:

Numa palavra, quanto mais baixo for o nível psicológico de uma pessoa, tanto maior será a eficiência das sugestões injetadas sem controle. O ditador científico do futuro definirá as suas máquinas de transmitir mensagens secretas e os seus projetos subliminais nas escolas e nos hospitais (as crianças e os doentes são altamente, suggestionáveis), e em todos os locais públicos onde os auditórios possam receber um abrandamento preliminar por intermédio de um discurso ou de ritos que aumentam a sugestibilidade. (HUXLEY, 2000, p.81)

Fundamentando-se em um estudo feito por pesquisadores sobre o sistema nervoso central, Huxley revela que as crianças e os doentes são mais sensíveis às propagandas do que os demais. No primeiro caso, porque as faculdades críticas não foram completamente desenvolvidas, no segundo, porque os sujeitos estão enfraquecidos pela doença e pela fadiga. Na ficção de Huxley, as técnicas de manipulação são aplicadas no período pré-natal, e, posteriormente, nos Berçários. Acerca desses temas, o autor diz que na contemporaneidade (leia-se década de 1950) a lavagem cerebral decorre das técnicas híbridas propagandísticas, que empregam a violência (ainda que aquém da tortura física) ao mesmo tempo em que manipulam psicologicamente agindo de alguma forma como uma hipnose. Sobre a técnica de sono-ensino em sua ficção, Huxley afirma:

A hipnopédia só obteve êxito quando foi usada para treino moral – por outras palavras, para condicionamento do comportamento através da sugestão verbal num tempo de resistência psicológica diminuída. [...] O condicionamento sem palavras é grosseiro e inteiriço, não pode inculcar os modos de comportamento mais complicados exigidos pelo Estado. Para isso são necessárias palavras, mas palavras sem razão [...] o tipo de palavras que não requerem qualquer raciocínio para serem compreendidas, mas podem ser sorvidas em bloco pelo cérebro adormecido. Esta é a verdadeira hipnopédia, [...] a maior força de moralização e de socialização de todos os tempos. (HUXLEY, 2000, p.86)

Assim, Huxley mostra-nos que os meios de comunicação de massa tornam-se cada vez mais eficientes e perigosos, questionando-nos, desde aquela época, sobre “como podemos manter intacta a integridade e reafirmar o valor do ser humano individual” (HUXLEY, 2000,

p. 47). A tais considerações, devemos acrescentar o fato de que vivemos já em uma sociedade cada vez mais “superpopulosa” e “superorganizada”.

5.4. Quarta análise semiótica no espaço da fábrica

Vale ressaltar que, quando o autor do texto faz referências a locais exatos, identifica datas ou pessoas a quem o enunciador se dirige através da utilização da dêixis de referência, o que garante maior similitude do texto à realidade e cria, com isso, o efeito de objetividade, permitindo que o leitor construa uma ilusão da realidade. É com a finalidade de ancorar os dêiticos e as categorias de pessoa, espaço e tempo que é necessária a utilização dessas coordenadas da situação de enunciação.

Tomemos como exemplo as configurações figurativas das Salas, as quais se concretizam em imagens associadas à realidade e, no percurso temático são as responsáveis por reiterar a ideologia que substituiu o sistema ético-moral tradicional e prepondera numa ética “progressista”: “Sala de Predestinação Social”, lugar onde as crianças são controladas psicologicamente; “Sala de Controle Hipnopédico”, onde “em dez andares sucessivos as crianças estavam ocupadas ouvindo, inconscientemente, lições hipnopédicas de higiene, sociabilidade, consciência de classe e vida sentimental do bebê.” (HUXLEY, 1982, p. 26); “Sala de Decantação”, onde bebês são desenfrascados; “Sala de Fecundação”, onde há a incubação dos seres humanos; “Berçários”, onde há a consciência de Classe Elementar, isto é, a interiorização das atitudes de classe que foi destinada ao sujeito; “Salas de Recreação”, onde as crianças brincam de quebra-cabeças e jogos eróticos; e por fim, o “Cinema-Sensível”, local onde são assistidos filmes completamente simples dos quais corroboram cada afirmação hipnótica aprendida na infância, apelando para recursos sensoriais, sem qualquer necessidade reflexiva de pensamento.

Os “Centros de Comunicação e Informação” são responsáveis pela divulgação de ideias a determinadas castas através dos “Três jornais de Londres”, do “Rádio horário”, do “jornal para as classes superiores”, do “Gazeta dos Gamas, verde pálido” e do “Espelho dos Deltas, em papel cáqui e com palavras exclusivamente monossílabas”. Para a manutenção e regimento de algumas destas atividades existem, por exemplo, os “Redatores de Sons e os Compositores Sintéticos”, responsáveis pelos trabalhos delicados do cinema, a “Escola de Engenharia Emocional”, que estuda as formas de controlar a população por meio da propaganda, etc.

Como se vê, é a partir da criação destas figuras que se tem a construção dos percursos temáticos da obra que, através de repetições por todo o texto, criam uma coerência temático-figurativa. Dos espaços mencionados, podemos chegar ao tema da falta de liberdade do sujeito, da vantagem de uma minoria sobre uma maioria, do despotismo, da ciência como

meio e modo de propagação dos valores alienadores, da abnegação da individualidade por uma uniformidade dos sujeitos, do incentivo ao consumo, da hierarquia de poderes, etc.

Importantes exemplos a serem citados sobre a utilização de traços semânticos reiterados na obra, a respeito, portanto, do plano discursivo, são os “provérbios hipnopédicos”, reproduzidos em inúmeros momentos pelos atores discursivos em decorrência de suas passagens na Sala de Controle Hipnopédico, lugar onde são criadas as sugestões “até que a mente do sujeito seja, apenas, essas sugestões” (HUXLEY, 1982.p. 63): “Agora todos são felizes” (p.102); “Cada um pertence a todos” (p. 63); “Cada um trabalha para todos”, (p. 119); “adoro voar, adoro ter roupas novas. Adoro...” (p. 73); “Não deixe para amanhã o que pode gozar hoje” (p. 122); “Quando um indivíduo sente, a comunidade vacila” (p. 55); “Um centímetro cúbico cura dez sentimentos lúgubres” (p. 79).

Nos exemplos dados, a reiteração da ideia de “felicidade”, do conceito de que “cada um pertence a todos” e “trabalha para todos”, por exemplo, expressam parte dos princípios que formam a ideologia dominante, reproduzindo-se sempre os mesmos juízos que devem ser seguidos e comportamentos estimáveis como o da “integração”, o do “trabalho em equipe”, a aquisição de bens materiais novos, a obrigatoriedade da felicidade e do consumo da droga *soma* e da conquista de múltiplos parceiros sexuais.

As técnicas de controle hipnopédico responsáveis pelo êxito em condicionar os comportamentos psicológicos dos bebês com as repetições contínuas de frases é, assim, um dos métodos utilizados para disseminar a ideologia, que na ausência de falhas, será adotada e defendida por todos os sujeitos.

5.5. Análise semiótica no espaço da Reserva

Como mencionado no resumo deste trabalho, um dos Dirigentes do Mundo, Mustafá Mond, autoriza a viagem dos actantes-sujeitos Bernard e Lenina ao Velho Mundo. Estes são dotados primeiramente da modalidade “querer-fazer” a viagem, preliminar à *performance*. O objeto-valor viagem, nessa altura, existe apenas *virtualmente*. Num segundo momento, quando o Dirigente concede o pedido aos actantes, *atualiza-se* as articulações ternárias e doa-se o programa de uso a eles ao passo que garantem a segunda “qualidade” modal necessária para a *realização* da *performance*: o “poder-fazer” a viagem, que se identifica num nível mais concreto do discurso através da figura do avião, meio de transporte utilizado pelos sujeitos para concretizar a ação de viajar.

É válido acrescentar também que, a partir do momento em que Mustafá Mond doa as competências necessárias para que Bernard e Lenina entrem em junção com o objeto-valor viagem, ele automaticamente afere a eles outro valor-modal: o “poder-saber” sobre o Velho Mundo:

S1 destinador → [S2 destinatário (conjunção) Ov (viagem)]

O Diretor (D.I.C) é responsável por dialogar com Bernard Marx sobre a viagem e fornecer os equipamentos necessários para consumá-la. Ainda que contrário a essa decisão, ele não pode contestar a permissão do Dirigente devido a sua posição inferior na hierarquia das funções da fábrica, restando-lhe, assim, assumir o papel actancial narrativo do Destinador Manipulador, o qual será identificado por nós como S1. O Destinador é dotado das seguintes características:

O Destinador é aquele que comunica ao Destinatário-sujeito (do âmbito do universo imanente) não somente os elementos da competência modal, mas também o conjunto dos valores em jogo; é também aquele a quem é comunicado o resultado da *performance* do Destinatário-sujeito, que lhe compete sancionar. (GREIMAS; COURTÉS, 1983, p. 132).

Ao discutir sobre a viagem com o Destinatário-sujeito Bernard (S2), o Destinador adverte poder sancioná-lo por meio de uma expulsão da sociedade, devida suas atitudes heréticas demonstradas ao longo do tempo e que, agora, tornava-se ainda mais evidente com a sua vontade de partir para a Reserva no Novo México. Assim, o Destinador busca manipulá-lo por intimidação, acreditando que ao ameaçá-lo com uma possível sanção, o destinatário poderá repensar e corrigir seus atos.

Nesse momento da narrativa, num nível mais concreto, há a instalação no discurso de actantes da enunciação. A partir disso, opera-se, então, uma debreagem enunciativa em que se constroem sequências dialogadas de um “eu”, ou seja, uma debreagem interna de 2º grau que produz um simulacro de um diálogo real. Este processo ocorre quando o enunciador D.I.C desenvolve uma narrativa, um segundo diálogo, a partir do actante do enunciado, Bernard. Na sequência, o diálogo passa a alternar-se entre estes dois referentes (enunciador e enunciatário) até o final do capítulo e, ainda num nível discursivo, D.I.C expressa incongruências relacionadas ao seu “ser x parecer” já que, ainda fruto de sua contrariedade à concretização da viagem de Bernard, relata que um dia tivera a mesma curiosidade e fora para a reserva acompanhado de uma mulher.

Mesmo que o Destinator desconfie de Bernard ameaçando-o com possíveis sanções, um contrato entre o Diretor, o Dirigente e Bernard é feito. Neste momento, existe “uma tensão que é ao mesmo tempo uma espécie de crédito e de débito, de confiança e de obrigação” (GREIMAS; COURTÉS, 1983, p. 101), e as autoridades supõem que a “liberdade” para sair do país fará com que Bernard não cometa novas heresias, ao que irá deparar-se com uma sociedade caótica. Greimas e Courtés (1983, p. 101) acrescentam:

[...] se olhar mais de perto, percebe-se que uma simples operação de troca de dois objetos-valor não é apenas uma atividade pragmática, mas se situa, no essencial, na dimensão cognitiva: para que a troca possa se efetuar, é preciso que as duas partes sejam asseguradas do “valor”, do valor do objeto a ser recebido em contrapartida, por outras palavras, que um contrato fiduciário (muitas vezes precedido de um fazer persuasivo e de um fazer interpretativo dos dois sujeitos) seja estabelecido previamente à operação pragmática propriamente dita.

No entanto, ao contrário do que se espera, Bernard rompe o contrato de confiança, passando a desempenhar um papel actancial alternativo: de Destinatário-sujeito passa a Destinator, já que não se submete à manipulação pré-estabelecida pelo Destinator. Neste momento invertem-se, então, as posições de S₁ e S₂.

É S₁ quem passa a aplicar a sanção, concretizando-a como Destinator individual e não coletivo, pois pensa em vingar-se, particularmente, das ameaças que foram dirigidas a ele.

A sanção torna-se possível quando Bernard conhece Selvagem e sua mãe, Linda, pois, a partir desse momento, toma-os como os sujeitos que podem obrigar o Diretor a confessar as “heresias” que cometera, como ter um filho (John) com Linda, mulher que fora sua companheira e ficara perdida na reserva anos atrás. Com isso, esses “não civilizados” tornam-se as ferramentas de Bernard para revelar todo um jogo de mentiras e verdades que determinarão as novas relações do sujeito Diretor com a sociedade, afinal, se aqueles que

viviam numa sociedade em que se tornara inconcebível a existência das palavras “pai”, “velhice”, “doença” descobrissem este segredo do seu superior, abominariam tão logo a figura dele.

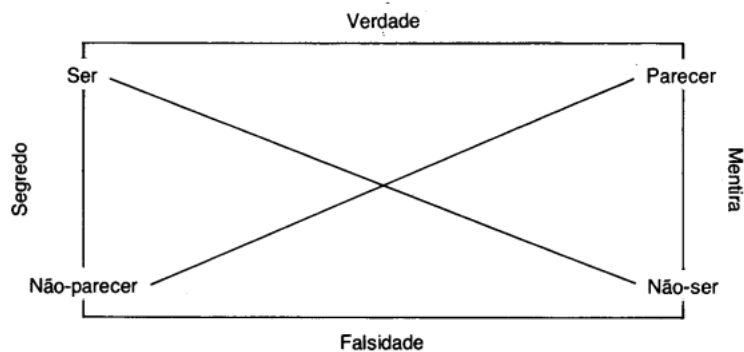


Figura 1 – O quadrado semiótico das modalidades veridictórias.

Fonte: BALDAN, 1988, p.5

Sobre o quadrado semiótico das modalidades veridictórias, Greimas e Courtés (1982, p. 533) afirmam:

A categoria de veridicção é constituída, percebe-se, pela colocação em relação de dois esquemas: o esquema parecer/não parecer é chamado de manifestação, o do ser/não ser, de imanência. É entre essas duas dimensões da existência que atua o “jogo da verdade”: estabelecer, a partir da manifestação, a existência da imanência, é decidir sobre o ser do ser.

O segredo é revelado publicamente, quando ao retornar da viagem, Bernard tem o poder de humilhar e “destruir” D.I.C. Em consequência da passagem do não-ser ao ser, institui-se no lugar da mentira a verdade e, com isso, há uma interpretação veridictória sancionadora que ocasiona o pedido de exoneração do cargo de diretor feito por D.I.C .

Na configuração discursiva do espaço da reserva, constrói-se o percurso figurativo a partir dos objetos concretos “a sujeira”, “os montes de lixo”, “o pó”, “as moscas”, “mães amamentando seus filhos”, “cães mortos”, “mulheres catando piolhos na cabeça de uma menina”, “as músicas, as vestimentas, os bócios, as doenças de pele e os anciões”. Este percurso figurativo, por sua vez, revela o percurso temático da pobreza.

Em seu ensaio, *Regresso ao Admirável Mundo Novo*, Huxley diz que as condições das pessoas que vivem em situações extremas serão melhores se, os “produtos manufaturados, de casas, escolas e professores for aumentada em rapidez superior à do número de habitantes” (HUXLEY, 2000, p. 13). No entanto, com o subdesenvolvimento e a superpopulação, faltam em muitas sociedades os recursos básicos para a sobrevivência, já que não há maquinaria

agrícola e unidades industriais suficientes e, ainda que houvesse, não haveria mão de obra especializada à altura devido à baixa qualidade da educação dada à população nesses locais. Ainda sim, as taxas de natalidade são altas não havendo, portanto, saída.

O percurso figurativo no espaço da Reserva perpassa também os “rituais”, as “danças circulares”, os “tambores”, o “homem nu pregado numa cruz” que, por sua vez, expressam o tema da religião. Sobre este tema Huxley afirma:

O mundo da religião é diferente do mundo do divertimento; mas parecem-se um com o outro por, decididamente, “não serem deste mundo”. Ambos são divertimentos e, se vivemos neles de forma excessivamente contínua, ambos podem tornar-se, segundo a frase de Marx, “o ópio do povo”, tornando-se assim uma ameaça à liberdade. Só uma pessoa vigilante consegue conservar a liberdade, e apenas os que estão constante e inteligentemente despertos podem alimentar a esperança de se governar a si próprios eficazmente por meios democráticos. Uma sociedade, cuja maioria dos membros dissipa uma grande parte do seu tempo não na vigília, não aqui e agora e no futuro previsível, mas em outra parte, nos outros mundos irrelevantes do prazer e das obras superficiais, da mitologia e da fantasia metafísica, terá dificuldade em resistir às investidas daqueles que quiserem orientá-la e controlá-la. (HUXLEY, 2000, p. 38)

Para o autor, a religião é vista como uma “política do pão e circo” e, portanto, serve para distrair populações e conseqüentemente para que ela não desperte de sua realidade. No contexto do autor, alguns se valiam da religião para dominar e massificar, o próprio Hitler, por exemplo, tinha um intenso respeito por algumas religiões, como a católica, mas não pela sua doutrina em si: o ditador admirava seu conhecimento sobre a natureza do homem, seus discursos que corroboravam o sistema hierárquico e suas habilidades para dominar seres humanos fragilizados.

5.6. Análise semiótica: de volta ao espaço da fábrica

Quando Bernard volta junto de Selvagem ao Novo Mundo, passa a ter a competência do “poder-fazer” e entra em conjunção com o objeto valor (fama), devido a sua proximidade do excêntrico Selvagem. Com isso, adquire novos posicionamentos em relação aos valores vigentes e, num nível fundamental, passa a considerar a opressão eufórica.

Por outro lado, após a morte da mãe do Selvagem pelo consumo excessivo de *soma*, John, levado por suas paixões, não se deixa manipular e recusa-se a participar do jogo do Destinador (sistema) em nome da proposição de outro sistema de valores.

Neste momento, o Selvagem passa a assumir um papel actancial diverso, ou seja, de destinatário-sujeito, faz-se Destinador, tenta agir e, por conseguinte, manipular por intimidação os habitantes abastecidos pelos comprimidos de *soma* a não o consumirem. Os habitantes, por sua vez, recusam a ação sugerida pelo Selvagem o que, então, motiva a ocorrência da *performance* de uma grande confusão com os que são, agora, os “anti-sujeitos”.

Os Dirigentes acreditam que Bernard e Helmholtz Watson têm relação com a briga por seus históricos “transgressores” e, com este episódio, os anti-sujeitos sofrem uma sanção pragmática que os priva do objeto-valor civilização. Isso ocorre porque os três personagens, destinatários-sujeitos rompem com o contrato inicial estabelecido pelos Destinadores “Dirigentes”, ameaçando, no nível discursivo, a “estabilidade social”. O não cumprimento do acordo de obediência às normas fere “a espera fiduciária” dos Destinadores, que transformam-se em Destinadores-julgadores, atribuindo-lhes uma sanção pragmática negativa, ou seja, de punição em relação ao sistema axiológico de justiça. Vale ressaltar que a sanção praticada por justiça é diferente da praticada por vingança, pois, a primeira recorre, como no caso, a um Destinador Social, e a última, a um Destinador Individual.

Num nível discursivo, os traços dos três personagens como homens “solitários”, os quais estão sempre a questionar os valores sociais, constroem um percurso temático subjacente e pouco evidente: o dos intelectuais. Em *Retorno ao Admirável Mundo novo*, Huxley diz (2000, p.45):

[...] os intelectuais tentam vários caminhos, assim como galinhas debicam o chão do galinheiro. Com eles não se pode fazer a História; não podem ser empregados como elementos componentes de uma comunidade. Os intelectuais são o tipo de pessoas que exigem provas e ficam melindrados pelas inconsistências lógicas e pelos falatórios. Olham a supersimplificação como o pecado original do espírito e não fazem qualquer uso de slogans, de afirmações categóricas e generalizações abusivas que são o repertório do publicista.

Na ficção, os intelectuais são verdadeiros problemas, pois, por refletirem, adquirem individualidade e identidade, diferenciando-se da massa uniforme. Em um sistema no qual se exigem homens cada vez mais parecidos com as próprias máquinas, os questionamentos poderiam ameaçar, em última instância, as próprias relações de trabalho na fábrica, que são o alicerce do sistema. Qualquer possibilidade de perturbação da ordem era resolvida com a ingestão do remédio *soma*, que deturpa os sentidos, e com a liberação sexual, que inibe a tensão emocional destrutiva, e por outro lado, a criadora:

No Admirável Mundo Novo o hábito de tomar Soma não era um vício privado; era uma instituição política, era a verdadeira essência da Vida, da Liberdade e da Busca da Felicidade garantidas pela Declaração de Direitos [...]. A dose diária de Soma era uma garantia contra a desadaptação pessoal, contra a agitação social e a divulgação de idéias subversivas. A religião, declarara Karl Marx, é o ópio do povo. No Admirável Mundo Novo, a situação invertera-se. O ópio, ou antes o Soma, era a religião do povo. Como a religião, a droga tinha o poder de consolar e de compensar, criava visões de outro mundo, de um mundo melhor, dava esperança, fortalecia a fé e promovia a caridade. [...] Além da particularidade de tranqüilizar, alucinar e estimular, o Soma da minha ficção tinha a propriedade de aumentar a sugestibilidade e, desta maneira, podia ser empregado para alicerçar os efeitos da propaganda governamental. (HUXLEY, 2000, p. 70)

O uso da *soma* pode facilmente relacionar-se com o consumo dos antidepressivos nos dias de hoje que “(...) podem auxiliar o psiquiatra na luta contra a doença mental, ou podem ajudar o ditador na sua luta contra a liberdade.” (HUXLEY, 2000, p. 76) Com o incentivo ao consumo dos medicamentos pelas indústrias farmacêuticas, os antidepressivos podem ser comprados por preços cada vez mais baixos. Huxley, em *Retorno ao Admirável Mundo Novo*, afirma que alguns remédios, como os antidepressivos, poderiam contribuir para a cura ao mesmo tempo em que para a sugestibilidade: “(...) visto que a ciência é divinamente imparcial, é mais provável que tais descobertas escravizem e libertem, curem e destruam, ao mesmo tempo”. (HUXLEY, 2000, p. 76)

5.7. Análise semiótica no espaço da Colina

John, o Selvagem, foge para uma construção de ferro-concreto sobre a crista da colina entre Puttenham e Elstead. Neste lugar, pratica os velhos costumes aprendidos na Reserva, disciplinando-se ainda mais rigorosamente com o objetivo de purificar-se de todo o “excesso” de civilização absorvido.

Vivendo desde então na solidão, John busca ter uma vida baseada na subsistência, na tranquilidade e contemplação da natureza, além da prática rigorosa e vigilante de sua fé, a qual tem concepções autopunitivas. Em certo momento, gêmeos da civilização o vêm na prática de automutilação e, em pouco tempo, os repórteres já estão a perscrutar o Selvagem, a filmar seus atos reproduzindo-os no espaço do Cinema-Sensível.

Com isso, pessoas curiosas chegam diariamente em helicópteros para vê-lo chicotear-se. A certa altura, Lenina chega à Colina e, diferente dos outros, aproxima-se do Selvagem. Este passou a odiá-la quando Lenina, no passado, tentou “assediar” John, assim, Lenina simboliza um aspecto que a sua moral e religião abominam: a luxúria. John passa a surrá-la e, todos aqueles “espectadores” que os assistem, nada fazem para ajudá-la, passado esse grande espetáculo, John adormece entorpecido de *soma*. Ao acordar lembra-se da noite anterior e, então, enforca-se.

A partir desse breve resumo podemos identificar a manifestação de uma oposição mínima que mobiliza os sentidos na constituição do discurso: *vida* x *morte*. O sujeito Selvagem afirma a *vida* à medida que busca os suprimentos básicos para sobreviver afastado num campo, como o próprio narrador deixa claro ao dizer que “na próxima primavera o jardim produziria o necessário à sua independência do mundo exterior” (HUXLEY, 1982, p. 296). Depois, também como lembra o narrador, há uma *negação da vida*: “o chicote estava pendurado [...] o Selvagem voltou para a casa, pegou-o e brandiu-o. Os nós da corda morderam-lhe a carne” (HUXLEY, 1982, p. 303).

Para afirmar a *morte* com seu suicídio, o enunciado “exatamente no fecho da abóboda pendiam dois pés” (HUXLEY, 1982, p.310) reproduz uma transformação de estado: o Selvagem que estava inicialmente em conjunção com um objeto-valor (vida) passa a estar em disjunção com ele. Com relação ao princípio semântico de produção dos elementos em oposição no discurso, a vida de John que anteriormente possuía um valor eufórico passa a ter um valor disfórico.

[S1 Selvagem → S2 Selvagem (disjunção) Ov (vida)]

A partir desta pequena síntese do enredo, observamos, no nível narrativo, a existência dos actantes coletivos “repórteres”, “homem”, “homens vestidos de flanela de viscose branca”, “mulheres com pijamas de xantungue de acetato” e “uma mulher”, descritas por meio de suas vestimentas e às vezes, de seus gêneros, havendo uma descrição metonímica dos sujeitos. Com essa caracterização é possível relacionar todos esses sujeitos ao todo “civilização”: eles pertencem a ela. Todos assistem deslumbrados – já que foram condicionados a abominar o sofrimento – os “cômicos” martírios do Selvagem.

Neste nível, os actantes coletivos (S₁) atuam como Destinator Manipulador, já que buscam imprimir em S₂ (Destinatário Selvagem), um “querer-fazer” violentar-se. Num primeiro momento S₂ não é modalizado, já que não se deixa manipular, no entanto, a violência acaba por ser praticada contra Lenina e, num segundo momento, S₂ realiza a *performance* da violência e, assim, o contrato de manipulação apresentado por S₁ e S₂ passa a se realizar.

Com relação às configurações temático-figurativas, observa-se que na constituição do percurso figurativo da Colina tem-se a representação do Selvagem como um animal, como é possível ver nas frases que descrevem seus comportamentos: “atirando-lhe amendoins”, “na posição de animal acochado”, “o macaco falou”. Em contrapartida, outro percurso figurativo delinea as atitudes das pessoas que assistem as reações do Selvagem, como se estivessem diante de um espetáculo de um animal exótico: “tirando fotografias” “bando de aparelhos aterrissando”, “manteve as câmaras telescópicas cuidadosamente focalizadas”.

Na conclusão de *Retorno ao Admirável Mundo Novo*, Huxley alerta-nos sobre os perigos da má utilização dos meios de comunicação e das ideologias que buscam a uniformização humana e desencorajam o uso da razão. A única forma de curar a civilização, segundo ele, é através da educação, a qual pode ajudar o homem a aprimorar a linguagem e sua capacidade crítica, preparando-o para um autogoverno:

O primordial será a liberdade individual, alicerçada nos fatos da diversidade humana e na unicidade genética; o valor da caridade e da compaixão, fundada no velho fato familiar, recentemente redescoberto pela psiquiatria moderna – o fato de que, seja qual for a sua diversidade física ou mental – o amor é tão imprescindível aos seres humanos como o alimento e o abrigo; e, por fim, o valor da inteligência, sem o qual a amor é impotente e a liberdade inacessível. Este conjunto de valores fornecer-nos-á um critério segundo o qual a propaganda poderá ser analisada. Aquela que for reconhecida ao mesmo tempo como absurda e imoral poderá ser abolida de imediato. A que for simplesmente irracional, porém conciliável com o amor e com a

liberdade, e não por princípio aposta ao exercício da inteligência, poderá ser aceita de início pelo que vale. (HUXLEY, 2000, p.108).

Posteriormente, Huxley acrescenta um prefácio à obra *Admirável Mundo Novo* no qual diz ter se arrependido do desfecho dado a sua ficção, pois, se o tivesse escrito em uma idade mais madura, concederia uma terceira alternativa ao Selvagem que fosse diferente do caminho da “insanidade”, da “autotortura maníaca” e do “desespero suicida”, afinal, na obra apenas duas únicas opções foram disponibilizadas a ele: uma vida insana na Utopia, ou uma vida primitiva numa aldeia de índios, ainda que esta solução fosse um pouco mais humana em certos aspectos, ainda assim, é “excêntrica e anormal”. Huxley (1982, p. 5), diz que:

[...] colocaria como terceira escolha a sanidade – já de fato possível, até certo ponto, numa comunidade de exilados e refugiados do Admirável Mundo Novo, vivendo nos limites da Reserva. E economia dessa comunidade seria descentralizada e henry-georgiana, a política, cooperativa kropotkinesca. A ciência e a tecnologia seriam usadas, à semelhança do repouso semanas, como se fossem destinadas ao homem e não (como atualmente e mais ainda no Admirável Mundo Novo) como se o homem se devesse adaptar e submeter a elas. A Religião seria a busca consciente e inteligente do Fim Último do homem... e a filosofia de vida predominante seria uma espécie de Utilitarismo Superior, na qual o princípio da Felicidade Máxima seria secundária [...].

De forma semelhante, em *Regresso ao Admirável Mundo Novo* Huxley sugere a mesma solução para todos os problemas da sociedade real de seu tempo. Diz que para se evitar o empobrecimento do espírito humano e de civilizações inteiras, deveríamos deixar a metrópole e partir para uma comunidade rural, ou então, fazê-las nos próprios espaços urbanos. Estes seriam lugares “onde os indivíduos podem encontrar-se e cooperar como pessoas, não como meras encarnações de atribuições especializadas.” (HUXLEY, 2000.p.115)

6. Conclusão

No presente trabalho demonstramos determinadas composições referentes aos níveis fundamentais, narrativos e discursivos provenientes da obra *Admirável Mundo Novo*, assomando-se uma verificação de seus principais temas em relação ao contexto histórico do autor. Assim, depreendemos as temáticas, por exemplo, da superpopulação e superorganização na sociedade, das relações construídas a partir das tecnologias e dos meios de comunicação em massas, da espetacularização da vida, das modificações das relações de trabalho e das formas de sentir prazer, do progresso técnico que por vezes acaba por favorecer as elites do poder, da sociedade que suscita o consumo desenfreado, dos princípios estimáveis como o da “integração”, o do “trabalho em equipe” em nome de uma unicidade (em detrimento do individual), da aquisição de bens materiais novos, da obrigatoriedade da felicidade e do consumo de drogas, do incentivo social a uma multiplicidade de parceiros sexuais, da religião para dominar e massificar, entre outros. A partir das depurações de sentido de tais temas, o leitor poderá notar a similitude de todos eles com a nossa realidade histórico-social vigente, o que confirma a importância e a atualidade da obra de Aldous Huxley.

Referências

- BARROS, D. L. P. **Teoria semiótica do texto**. 3. ed. São Paulo: Série Fundamentos, 2001.
- BARROS, D. L. P. Estudos do discurso. In: FIORIN, José Luiz. **Introdução à lingüística II: princípios de análise**. São Paulo: Contexto. 2003, v. 2, p. 187-219.
- CORTINA, A; MARCHEZAN, R. C. Teoria Semiótica: a questão do sentido. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Org.). **Introdução à Lingüística III: fundamentos epistemológicos**. São Paulo: Cortez, 2011, v. 3. p. 393-438.
- CORTINA, A. MARCHEZAN, R. C. (Org.). **Razões e Sensibilidades: A semiótica em foco**. São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, 2004.
- CORTINA, A (Org.). **Questões da leitura na sociedade contemporânea**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2013.
- EVERAERT-DESMEDT, N. **Semiótica da narrativa**. Tradução: Alice Frias. Coimbra: Almedina, 1984.
- FIORIN, J. L. **Elementos de análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2000.
- FIORIN, J.L. Enunciação (3) – a categoria de tempo. TV CULTURA. 29m14s – sonoro. Publicado em 2011.< <http://www.youtube.com/watch?v=Z6HUcpg8NoQ>>. Acesso em: 10 nov. 2013.
- GONÇALVES, L. A voz do autor: ruído e interferências na versão portuguesa de Brave New World. **E-topia: Revista Electrónica de Estudos sobre a Utopia**. Cidade do porto – Portugal, n. 8, 2008. Disponível em: <<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/5066.pdf>>. Acesso em: 28 nov. 2013.
- GREIMAS, A. J; COURTÉS J. **Dicionário de semiótica**. Tradução: Alceu Dias Lima [et al.]. São Paulo: Cultrix, 1983.
- GREIMAS, A. J. **Maupassant: a semiótica do texto: exercícios práticos**. Tradução: Terezinha Oenning Michels; Carmen Lúcia Cruz Lima Gerlach. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1993.
- HÉNAULT, A. **História concisa da semiótica**. Tradução: Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2006
- HUXLEY, A. L. **Admirável Mundo Novo**. Tradução: Felisberto Albuquerque. São Paulo: Abril Cultural, 1982.
- HUXLEY, A. L. **Regresso Ao Admirável Mundo Novo**. Tradução: Eduardo Nunes Fonseca. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 2000.
- TATIT, L. Abordagem do texto. In: FIORIN, José Luiz (Org.). **Introdução à lingüística I: objetos teóricos**. São Paulo: Contexto, v. 1, p. 187-209.

BALDAN, M. de L. Veridicção: Um problema de verdade. **Revista Alfa**, São Paulo: 32:47-52, 1988.